

**A PROSA LITERÁRIA E O NARRADOR-JORNALISTA: O  
HERÔDOTOS DA PÓS-MODERNIDADE NA BELETRÍSTICA  
COLETIVA DOS JORNAIS**

Maria Elódia Baêta Gonçalves Ferreira<sup>1</sup>

Marcus Vinicius Nogueira Soares<sup>2</sup>

**RESUMO:** Ao compor História, datada do século V a.C., Heródotos de Halicarnassos assumiu uma postura observacional, crítica e de originalidade narrativa no sentido de submeter o fato histórico da guerra entre gregos e persas ao terreno literário. A partir de um método investigativo norteado por princípios sobre os quais a textualidade criativa vê-se fabular, fronteira com a ficção, atemporal e, ao mesmo tempo, assentada sobre o caráter informativo e de objetividade peculiar ao discurso dos jornais, os nove volumes da obra antecipam uma visão renovada da escrita jornalística literária pós-moderna, onde a reportagem configura-se como atitude textual assentada na similitude com o trato da linguagem singular dos escritores tanto quanto no ressurgimento do dom de contar histórias concebido pelo narrador benjaminiano. Assim, a textualidade herodotiana coaduna-se com a do jornalista literário, uma vez que ambos se constituem no dom de narrar artesanal, por meio da tríade alma, olho, mãos, diante de uma percepção peculiar sobre o fato real, com vistas a sua sedimentação na memória dos homens.

**PALAVRAS-CHAVE:** Heródotos. História. Jornalismo Literário. Dom de narrar.

**ABSTRACT:** When composing history, dating back to the V century BC, HERODOTOS of Halicarnassos took an observational stance, critical and narrative originality in order to submit the historical fact of the war between the Greeks and Persians to the literary field. From an investigative method guided by principles on which the creative textuality sees fable, bordering fiction, timeless and at the same time, seated on the informative and peculiar objectivity to the discourse of newspapers, nine volumes of work anticipate a renewed vision of postmodern literary journalistic writing, where the report is configured as textual seated attitude in similitude with the treatment of the natural language of writers as much as the gift of the

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

<sup>2</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

resurgence of storytelling designed by Benjamin narrator. Thus, herodotiana textuality is in line with the literary journalist, since both constitute the gift of narrating craft, through the soul triad, eye, hand, face a peculiar perception of the actual fact, with its views sedimentation in the memory of men.

**KEYWORDS:** Herodotos. History. Literary Journalism. Gift of narrating.

## Introdução

O ato de narrar perenizado por Herôdotos<sup>3</sup> nos nove volumes viscerais de *História*<sup>4</sup> transparece um valor fundamental à inscrição de ideias: a sedimentação engenhosa de um passado mítico e lendário na memória coletiva da humanidade. O que o primeiro narrador grego em prosa pretendeu efetivamente comunicar traz a resposta em seus próprios termos: “Para que a memória dos acontecimentos não se apague entre os homens com o passar do tempo” (HERÔDOTOS, 1988, p.19)

Ao penetrar no espírito de guerrilha do império persa, esposado por um acervo de minúcias descritivas, de originalidade informativa e de senso investigativo, crítico e de observação diante de fatos narráveis, Herôdotos fez ressurgir um feito ancestral, quase anônimo, no sentido de (re)conhecimento dos povos gregos, ao submeter a narrativa histórica ao terreno literário. Ao mesmo tempo, tornou tal feito cognoscível a partir de sua revivescência por meio da soberania da linguagem verbal e do recolhimento de impressões essencialmente singulares como participantes do seu método investigativo sobre a Grécia e o mundo antigos.

A grandiosidade da narrativa histórica, em dialeto iônio<sup>5</sup>, sustenta-se em alguns princípios que a fazem fabular porque engenhosa; fronteira - com

---

<sup>3</sup>Considerado Pai da História e autor da primeira obra em prosa da literatura grega, nasceu em 484 a.C, de uma família abastada de Halicarnassos, na Cária, atual cidade de Bodrum, na Turquia.

<sup>4</sup>Obra escrita em dialeto iônio entre 450 e 430 a.C, data da época alexandrina e está dividida em nove livros, intitulados com os nomes das nove musas gregas.

<sup>5</sup>A língua usual de Halicarnassos à época de Herôdotos.

a ficção - porque não renuncia a imaginação figurativa proposta pela palavra; atemporal, pela lapidar literariedade do trecho estruturada na disposição do enunciado em si. Heródotos postou-se como investigador astuto, diante do “momento fabuloso do começo”<sup>6</sup> e do mito apocalíptico de um império quase que ignorado na herança cultural dos gregos. Dotou o desconhecido de originalidade e agudeza de estilo e o desvelou aos homens de sua época. Como aquele que narra, com um detalhamento descritivo quase divinal, viu-se artífice de uma nova ciência História sob a acepção de pesquisa e gesto investigativo.

Isso permite um parecer significativo acerca de um dialogismo entre o dom de narrar herodotiano e a prosa literária cotidiana do narrador-jornalista no que concerne ao senso estético de ambos ao vicejar do fato ou informação natural o surpreendente. O que nos permite tangenciar a similitude entre os traços distintivos da postura textual, observacional e investigativa do jornalismo literário<sup>7</sup> ou novo jornalismo e a postura textual e observadora de Heródotos configurada em suas histórias. Ambas mostram-se alinhadas em levar a conhecimento público um fato passado como lastro de reflexão, compreensão e interpretação do presente ou de apresentar um fato público atual por meio da dialética com um passado que o torna palpável, comunicável, observável, comprovável (RESENDE, 2009, p. 87) a partir de uma impressão particular da realidade. Cerne tanto da prática quanto dos estudos em que se inspiram as mais louváveis estratégias de prosa do jornalismo literário como atitude textual pós-moderna. Trata-se de um tipo de convivência com a informação artística e cultural, cuja exuberância discursiva assenta-se num valor fundamental: a de reportagem com feições de criação literária, como o jornalista Edvaldo Pereira Lima o define em texto sobre o New Journalism (2003).

É o Heródotos de Halicarnassos um narrador-jornalista. É o jornalista literário o Heródotos da pós-modernidade, enquanto escritor anunciado sobre esse conjunto de posições. É o narrador-jornalista um narrador pós-moderno,

---

<sup>6</sup> Uma das definições atribuídas ao conceito de gênese pela historiadora Marialva Barbosa no livro *História Cultural da Imprensa*.

<sup>7</sup> Considerado uma atitude do jornalismo, tem como objetivo informar o fato jornalístico de forma criativa, aliando as técnicas jornalísticas tradicionais ao discurso literário. As origens do movimento datam de 1946, nos Estados Unidos, atingindo seu apogeu na década de 1960.

em acordo com as perspectivas sobre a enunciação jornalística decifradas por Fernando Resende. A tônica desses três enunciadores sustenta-se em cima de uma mesma base de ideias: a de que Heródotos antecipou uma visão renovada de jornalismo por meio de uma composição histórico-poética tecida sobre as vias da originalidade, a qual passa a ser compreendida como a humanização do fato social a partir de um mergulho em suas entranhas. Assim, o jornalista literário faz da notícia uma história, permitindo ao leitor uma aproximação imagética por meio do caráter figural da palavra sobre um real não só narrável, como representável. Ao aliar a objetividade essencial ao discurso jornalístico ao esmero no estilo e ao trato estético da linguagem e da estruturação do tema (essência do jornalismo literário) instituídos pela literatura, tanto Heródotos quanto o jornalista literário imergem nas vísceras do acontecimento narrado por meio de um caráter textual rico em detalhes, descrições e aprofundamento temático.

Esse conjunto de posições radica-se na ideia de que sobre o autor de *História* subjaz a imagem de um jornalista como desbravador do mítico, do pitoresco, de uma reminiscência inscrita por meio da memória, perceptível já no Livro I de *História*, intitulado *Clio*:

Os doutos dizem que os fenícios foram a causa da desavença. Os fenícios, segundo afirmam os persas, chegaram ao nosso mar, vindos do chamado mar Erítraio e, estabelecendo-se no território que até agora ocupam, começaram imediatamente a empreender longas viagens. Entre outros lugares até onde levaram mercadorias egípcias e assírias, eles chegaram a Argos; ... no quinto ou sexto dia após a sua chegada, quando sua carga já estava quase toda vendida, veio à orla marítima, entre muitas outras mulheres, a própria filha do rei; de acordo com os relatos tanto dos persas quanto dos helenos, seu nome era Io, a filha de Inacos. (HERÓDOTOS, p. 19, 1988)

Heródotos concebeu *História* assumindo-se não só como geógrafo e historiador. Foi, ao mesmo tempo, um farejador dos bens simbólicos de seu povo, dado às maravilhas desconhecidas, às descobertas do pouco explorado, à reinterpretação e a novos olhares sobre coisas já vistas e inscritas, afinado a uma escrita, a qual anseia alcançar uma tonalidade memorialística, miraculosa,

mitológica, na lida com uma textualidade dita notável por se permitir instaurar um profícuo rememorar de tempos. O potencial jornalístico latente do jovem de Halicarnassos é demonstrável logo no início do livro I, por meio de um detalhismo descritivo com que o verbo toca a ancestralidade da imagem sobre as razões que levaram persas e helenos a guerrear:

As mulheres ficaram nas proximidades da popa da nau, e enquanto elas barganhavam os produtos que lhes interessavam, os fenícios se animaram uns aos outros para a tentativa, e correram em sua direção com o objetivo de agarrá-las. A maior parte das mulheres escapou, mas Io e algumas outras foram alcançadas; os fenícios as arrastaram para a nau e partiram rumo ao Egito. E assim Io chegou ao Egito, segundo dizem os persas (mas não os helenos), e esta, em sua opinião, foi a primeira ofensa cometida. (HERÔDOTOS, p.19, 1988).

Essa confluência do estilo de Herôdotos com o substrato da atitude jornalística do repórter cultural-literário permite inferir ser seu comportamento letrado-investigativo similar ao de um escritor-público afeito ao caráter fabular das coisas, à genealogia de ideias, ao acompanhamento lapidar dos episódios históricos, crenças e costumes de seu tempo.

Assim, o jornalismo literário se faz reconhecível em *História* e, ao mesmo tempo, *História* nele se reconhece. A guerra entre persas e gregos figurou como fato social, publicizado ou transformado em notícia de interesse público, à maneira romanceada, para sedimentá-lo no imaginário coletivo. A gênese de *História* trata do seu autor como um homem de letras observado tanto pela evidência de uma inventividade narrativa quanto pelo manancial investigativo que tornou possível sua estratégia de narração perpassar séculos. Tratemos inventividade narrativa e manancial investigativo como bases sólidas do discurso jornalístico-literário e do discurso herodotiano, já que ambos emanam a mesma essência: compilação de relatos dos testemunhos dos acontecimentos, averiguação das vísceras de passagens históricas, profusão documental recolhida como viajante do mundo, distinção do visto e do ouvido e desvelamento de curiosidades orais, arquivistas, documentais, angariado em meio a arquivos, escrituras, documentos oficiais e oralidade das fontes. O que aqui se faz notar é que tanto Herôdotos – ao narrar “feitos maravilhosos e

admiráveis dos helenos e dos bárbaros” como episódio de interesse social posto em evidência no século V a. C. - quanto o jornalista-literário mostram-se portavozes e guardiões da história da humanidade a partir de um olhar diferenciado sobre uma época, ação ou ocorrência passíveis de serem lembradas.

Nesse sentido, tanto o discurso herodotiano quanto o jornalístico literário partem de uma teia de notícias tripartite do ponto de vista composicional. Teia esta concebida mediante o dito pensamento artístico sobre o real aliado ao gesto criativo peculiar à linguagem ficcional associados à tônica textual jornalística. Em *História*, Heródotos tanto desempenhou o papel de mensageiro e observador onipresente de um episódio histórico, cujo alcance repercutiu em todo o contexto de seu tempo, como ressignificou o presente do povo grego a partir do reconhecimento de um episódio marcante a sua existência enquanto civilização.

O pai da História mostrou-se, em sua vasta e aplaudida obra, como narrador-jornalista a escrever linhas sobre direito público, uma das definições do “ser jornalista” feita pela historiadora Marialva Barbosa (2003, p. 20). Mostrou-se, ainda, como mito político<sup>8</sup>. Mito se considerarmos sua escrita capaz de “contar uma história sagrada, um acontecimento ocorrido no tempo imemorial (o tempo fabuloso dos começos), ou como uma realidade chegou à existência. Mito no sentido de ficção, de sistema de explicação do real e de mensagem mobilizadora”, no dizer de Barbosa (2003, p. 142).

O nome de Heródotos assenta-se, assim, sobre um outro valor fundamental: o de precursor do jornalismo literário na Antiguidade, a partir da abertura de um mundo de histórias capaz de ser transformado em notícia de interesse coletivo. Trata-se a guerra do império persa de um evento real, inserido no cotidiano do povo da Grécia em determinada passagem do tempo; e fictício pelos manejos narrativos próprios dos escritores, com o fato em si figurando como enredo e os testemunhos orais e documentais como personagens, conduzindo a veracidade das histórias herodotianas. Isso se demonstra no diálogo intermediado por Croisos entre o frígio Ádrastos e o rei:

---

<sup>8</sup> É tributária dos anos oitocentistas a imagem do jornalista como mito político, como escritor do sagrado.

Tendo dito isso, Croisos mandou chamar o frígio Ádrastos, e quando ele chegou o rei lhe disse o seguinte: “Na ocasião em que fosse atingido por um infortúnio cruel, pelo qual não te censuro, eu mesmo te purifiquei e te recebi, e ainda hoje te hospedo em meu palácio, incorrendo em todas as despesas. Agora, portanto (deves-me uma retribuição de bons serviços pelos benefícios que te fiz), peço-te: cuida de meu filho enquanto ele vai à caça, para evitar o aparecimento de assaltantes em vosso caminho, gente perversa disposta a fazer-vos mal. Ademais, é bom que também vás a um lugar onde podes obter renome por teus feitos; tal atitude convém ao filho de teu pai, e tens bastante força para isso”. Ádrastos respondeu o seguinte: “Em qualquer outra circunstância, rei, eu não iria avante nesse cometimento. Uma pessoa tão infortunada quanto eu não deveria misturar-se com seus pares mais afortunados; não tenho tampouco esse desejo, e por muitas razões eu teria recuado...”. (HERÓDOTOS, 1988, p. 30)

A esse respeito, os textos de Heródotos, assim como os discursos dos jornais abertos ao literário, configuram-se memorialísticos, ficcionais e jornalísticos, perfazendo-se sob o esforço do imaginário do autor de trazer a presença do leitor um real ausente que só se faz presente por força da palavra escrita e de seu caráter metafórico e figural, perpetuando paradigmas à condução das ações e opiniões humanas.

### **O reino da prosa cotidiana e o narrador benjaminiano**

Ao sorver da nascente habitada pelos mais loquazes homens na arte de narrar da Antiguidade, Heródotos mostrou-se um narrador da prosa cotidiana por excelência. Considere-se *História* como uma obra urdida sobre três princípios fundamentais à “experiência comunicável” esboçada por Walter Benjamin: a *Erfahrung* (experiência coletiva), a *Erlebnis* (experiência particular) e o *Erzähler* (aquele que conta). Vê-se na guerra entre persas e gregos uma vivência coletiva da sociedade da Grécia, sobre a qual a percepção diferenciada do jovem de Halicarnossos como aquele que se dispôs a transmitir tal experiência é o que a particulariza enquanto feito histórico e social a ser transmitido aos homens posteriores ao seu tempo.

Tais princípios permitem adentrar no halo do narrador benjaminiano, observando-se Heródotos sob a perspectiva da teia de notícias em que se

constroi o narrador-jornalista como arauto de histórias reais sobre as ações, as ideias, os acontecimentos da humanidade e suas supostas verdades a partir da literariedade na publicização, com vistas a sua perenização como patrimônio simbólico de um povo. É imperioso afirmar que sob o reino da prosa dos fatos em que as narrativas herodotianas e jornalística-literárias se coadunam é onde se sustenta a linhagem de narradores de Benjamin. Ao observar e narrar episódios de interesse público, ambos se traduzem como “camponês sedentário”, aquele que emerge como desbravador e conhecedor das entranhas dos costumes e tradições de sua terra, e como aquele cujo saber vem de paragens longínquas, na postura do “artífice-viajante” (BENJAMIN, 2012, p. 215).

Os dois tipos arcaicos do reino narrativo de Benjamin se equiparam aos do reino da prosa jornalística-literária, na medida em que é posta em evidência não uma renúncia à informação ou à objetividade sobre os acontecimentos diários como termos fundantes do jornalismo tradicional, e sim a construção de um pensamento peculiar sobre o real, seus significados figurativos e seus apanágios. Como está demonstrada na leitura das histórias de Heródotos, tal experiência textual configura-se como meio profícuo de entendimento de acontecimentos da realidade e transformação da narrativa jornalística tradicional – reducionista, limitadora, por isso autoritária, com o nítido apagamento daquele que fala porque não há necessariamente um alguém a contar a história - em narrativa verdadeira, a qual se refere o pensamento benjaminiano, à medida que o gesto criativo da figura do narrador-jornalista habita os fatos e fazendo o leitor sentir as verdades como espectador das ações vividas (RESENDE, 2009, p.89).

Essa corrente de ideias abre precedentes à fundamentação dos liames sobre os quais está envolvida toda e qualquer narrativa nas perspectivas de Benjamin e Resende. Um primeiro ponto é pensar no ato de narrar como uma premência do homem, no sentido de revelar a outrem as histórias sobre o que viu, ouviu ou viveu ao longo de sua existência. Ou seja, narrar é estar, inevitavelmente, diante da vida humana, matéria-prima da “verdadeira narrativa” referenciada por Walter Benjamin, na interpenetração íntima entre alma, olho e mão do artífice da arte artesanal (2012, p. 216). Narrar nos jornais,



à maneira dos poetas e romancistas, é estabelecer esse vínculo entre a premência de transmissão assídua e a popularização de conhecimento à coletividade, com o intuito de solidificar a coisa artística e o gosto pelas letras no imaginário popular por meio de uma observação/percepção mais sensível e apurada das ações, ideias e situações cotidianas. Ao reinterpretá-la de modo particular, torna-a narrável por uma estrutura distinta de prosa se comparada com a linguagem impressa dos periódicos de todo dia. O que quer dizer que o jornalismo literário é uma atitude narradora que une os predicados jornalísticos essenciais (texto objetivo, conciso, coeso e coerente) ao trato com a estética textual e descritiva da palavra literária.

Se narrar é explanar ou discorrer sobre uma experiência ou fato social real o narrador-jornalista pós-moderno é concebido sobre a perspectiva de um autor empírico, ou um contador de histórias reais, aos moldes herodotianos, a compor experiências como mestre do saber coletivo e individual, a partir da difusão das belles lettres proposta pelos jornais brasileiros desde o século XIX. A rede do dom de narrar, portanto, é a mesma em que estaria guardado a prosa jornalística-literária como ofício artesanal de comunicação da pós-modernidade, resguardado na essência da verdadeira narrativa composta por Benjamim:

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio artesão – no campo, no mar, na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir “o puro em si” da coisa narrada, como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim, imprime-se na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. É uma inclinação dos narradores começar sua história com a descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir.... (...) Assim, seus vestígios estão presentes de muitas maneiras nas coisas narradas, senão na qualidade de quem as viveu, ao menos na de quem as relata. (BENJAMIN, 2012, p. 221-222)

A partir da linguagem dos jornais, estabeleceu-se o elo entre fato real/cultural e palavra poética, com o jornalista literário assumindo-se no rol dos “grandes narradores”, enunciador de um mundo aberto, entendível e

reconhecível por meio do saber coletivo proposto pelos jornais, e este como instrumento de propagação da informação cunhada como abordagem de repercussão pública por sua direção às massas.

### **Os jornais e os tempos fabulosos do começo**

A ideia de cotejar as ambições do jornalismo (literário) com as da atitude discursiva de pôr à vista uma experiência de vida a plano do discurso oral ou escrito, evocada por Benjamin, remete não só ao substrato primeiro e essencial do dom de narrar, mas também aos tempos fabulosos do começo se aproximarmos a teia de comunicação jornalística estabelecida no Brasil do Século XIX.

Os anos oitocentistas selaram a conexão entre os homens de jornais e os homens das belas letras, com o intuito de atentar de que haveria de ser considerado um dia o jornalismo literário enquanto atitude criativa que, se bem notarmos, aos moldes de Benjamin, foi engendrado desde os primórdios da imprensa no Brasil. Ou seja, no princípio, eram as histórias narradas oralmente que ganhavam o cunho de notícias, embasando a similitude entre o narrador-jornalista e o narrador de experiências. Em 1808, quando surgiu no Brasil, a imprensa era vista como “fonte documental importante”, “autêntica narradora dos fatos e da verdade”, e o narrador da antiguidade definido como sábio transmissor da vida humana, por ambos (imprensa e narrador antigo) serem registros comprobatórios do que se “viu e ouviu” (BARBOSA, 2010, p.7).

Nesse sentido, infere-se ser a integridade do saber vindo de longe, de terras estranhas, tanto quanto da proximidade de um povo por meio de sua tradição. Isso fica demonstrado à época que Barbosa denomina de “início primordial” (2010, p.19), na qual a rede de informação funcionava da seguinte forma: os boatos e conversas - o ouvir dizer e o ouvir falar - de viajantes chegados em navios, vindos da Europa, tão logo expostos pelas vozes correntes, viravam assuntos do dia. Também eram transformadas em notícias histórias escritas a bordo, vindas de longe.

Esse conceito interna-se pelos caminhos do viajante e do camponês benjaminianos, tratando-se o jornalismo de uma atitude textual que comunga conhecimento próximo somado ao conhecimento longínquo do fato em questão, ainda que ambos se mostrem munidos por um conceito de informação que, em acordo com a posição de Benjamin, não passa de uma forma de comunicação ainda mais “estranha” e “ameaçadora” que o romance à sobrevivência da narrativa essencial (2012, p. 218-219) numa relação crucial ao ofício nos jornais averbada por Barbosa: A relação temporalidade e acontecimento é, portanto, fundadora da ideia de notícia, ainda que, no conceito do que seria notícia, dominasse a ideia de erudição e de conhecimento, e não de novidade... (BARBOSA, 2010, p.29)

Se a narrativa essencial foi capaz de inspirar gerações de narradores nos tempos antigos e se Benjamin associava a indignância humana da perda da experiência coletiva (Erfahrung) ao ocaso da experiência de narrar, ao mesmo tempo em que propunha uma renovação da Erfahrung como uma nova forma de narratividade, pode-se encontrar no “jornalismo de autor” ou na presença do narrador na condução da reportagem essa forma de contar dita renovada. Isso se dá a partir da transformação das ações e opiniões humanas em histórias sobre as quais o novo jornalismo se detém.

Pensado como estratégia audaciosa de abordagem e conquista letrista lançada à era pós-moderna, o jornalista literário mostra-se capaz de fazer ressurgir o narrador benjaminiano, à medida que ocupa um posto narrativo artístico-informativo exemplarmente estabelecido aos moldes destes e dos próximos séculos, como porta-voz de todos os homens, como o Heródotos da pós-modernidade na beletrística coletiva dos jornais.

## Referências

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Magia, técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

\_\_\_\_\_. *Passagens*. Belo Horizonte: editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil – 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

HERÓDOTOS. *História*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983.

LIMA, Edvaldo Pereira. *New journalism: a reportagem como criação literária*. Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Especial de Comunicação Social. Rio de Janeiro: A secretaria, 2003. Cadernos da Comunicação. Série Estudos, v. 7.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: Uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PENA, Felipe. *Jornalismo literário: melodia da informação*. Rio de Janeiro: Editora Contexto, 2006.

RESENDE, Fernando. *O jornalismo e a enunciação: perspectivas para um narrador-jornalista*. Revista Contracampo, p. 85-101.

TRAVANCAS, Isabel. *O livro no jornal*. São Paulo: AE, 2001.